

17 NOV 1989

ALOYSIO AZEVEDO



Não falei?! Está em curso a revolução do CDE. O sonho da maioria marginalizada, sua esperança de ser promovida ao primeiro mundo da prosperidade e da civilização, sua visão democráti-

co-liberal do mundo. Seu inconformismo, raiva dessa elite brasileira que lhe negou, da maneira mais mesquinha, os frutos do progresso e precipitou o Brasil numa crise tão perigosa. Saudade do seu passado trabalhista mais glorioso e distante. A emocionante reação da classe média não logrou êxito.

Elites e não eleitores, a totalidade do povo compareceu às urnas, de uma forma ou de outra, dando razão a Celso Brant, numa grande "mobilização nacional" e democrática. Condenou implacavelmente a "saída negociada" da ditadura, seu suporte político a Aliança Democrática e seus expedientes fisiológicos principais: o estelionato eleitoral I, de 1986, e o estelionato eleitoral II, a derrotada manobra Silvio Santos (não fosse a presença em cena do presidente Rezek e se poderia dizer que temos hoje menos governo do que a Holanda. Eta, nós!). O cartório e as relações de poder privilegiadas foram desautorizados dramaticamente (chamo a atenção do governador paulista para as últimas declarações do dr. Ulysses, pois sinto que apontam para um caso de interdição política), basta olhar para o estado em que se encontra o "clubes do poire", local de reunião dos lobistas da Abicomp. Hora das reformas.

Inúmeros jornalistas e cientistas políticos que se fizeram de analistas, mas na verdade não passavam de prosélitos envergonhados da esquerda festiva, propagaram o tempo todo que Collor era uma criação da mídia, particularmente da **Globo**, e que por isso mesmo se evaporaria ao menor contato com a realidade. Alguns desses falsos profetas chegaram a prognosticar que o ex-governador de Alagoas nem

sequer iria para o segundo turno. Não sei agora, emergindo o resultado das urnas, se esses "formadores de opinião de araque" deixarão de assinar suas colunas ou de ocupar suas cátedras. O mínimo que se exige deles, contudo, é que revejam suas posições e, pelo menos, se perguntem: o que é o Collor? O povo não é bobo. Colocar um banqueiro, lavador de dólares, do lado esquerdo do espectro político, apenas porque é um tucano, é pura falsificação. O mesmo que chamar de progressista um desembargador

Colocar um lavador de dólares à esquerda é falsificação

aposentado, possuidor de grandes quantidades de terra, simplesmente porque optou pelo PT. Misturar Collor com os ideólogos do neoliberalismo, com os protetores de torturadores da longa noite e com capatazes medievais é a mesma coisa que chamar de democratas os redentoristas cubanos e albaneses que se disfarçam na Frente Brasil Popular, por mais que se maquilem com alguns sociais-democratas acovardados ou constrangidos. Dizer que o "caçador de marajás", hoje prisioneiro do CDE, não pode reformar progressivamente o Brasil é o mesmo que chamar Gorbachev de bonzinho, porque está devolvendo seus penduricalhos ao Ocidente, desconhecendo o Pedro, de todas as Rússias, que nasce vigorosamente dentro dele (por isso, acho estranho quando Freire diz que tem "propostas claras").

Quero só ver a cara desses falsos analistas, caso o candidato do PRN lance as bases da transformação dessa legenda fantasma em organização do CDE; sustentadora de seus projetos governamentais; roube do trabalhismo o projeto de redenção de nossas crianças abandonadas, seu conhecimento acerca das fraudes e evasões de nossas riquezas, sua postura de competente negociador frente aos poderosos; seja mais parlamentarista que o Montoro, em 93; comprometa os recursos públicos com a salvação das regiões pobres; monte um governo liberal-democrata decente, capaz de ganhar a confiança do empresariado e induzi-lo a trocar de posição, convertendo seus recursos da especulação para a produção; reduza drasticamente a máquina, na "primeira manhã do primeiro dia". Quero ver, então, esses escribas convencem alguém de que é melhor jogar, à força, os ricos na miséria do que tirar de lá aqueles que não se conformam com essa condição. Porque, como disse o Joãozinho Trinta e as urnas consagraram, quem gosta de pobreza não é o CDE.